

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO
PROFESSOR: Dr. CELSO BEISIGUEL

ENTREVISTA

TÂNIA FISCHER

Trabalho realizado como parte dos requisitos
para a avaliação da disciplina.

Carlos Lira é o atual diretor da TVE da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Recebeu-me em sua sala, entre dois compromissos de trabalho, o que limitou o tempo da entrevista.

O que conversamos vai expresso em termos coloquiais, da forma mais aproximada do que foi dito.

Destaco o entusiasmo de Carlos em recordar a experiência passada, a sua preocupação ainda presente com informações a respeito de nomes de pessoas e a sua disposição em escrever, em breve, o relato do que foi o movimento de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte, no período 1962/1964.

Natal, 07 de dezembro de 1979

Tânia - Estou aqui a pedido de Celso Beisig el, meu professor e professor de Sociologia da Educação na USP. Celso desenvolve há alguns anos uma linha de pesquisa sobre Educação Popular e reestuda, no momento o movimento de alfabetização de analfabetos.

Tenho algumas perguntas a fazer a você de interesse meu e de Celso. Participei do movimento de alfabetização em Porto Alegre, em 1963, e vivi um pouco da experiência da época.

Saindo daqui, devo procurar os jornais da época, da situação e da oposição, para pedir cópias das notícias sobre o movimento publicadas naquele período, já que Celso quer material sobre as repercussões políticas locais da experiência.

Carlos - Como me descobriram?

T. - Celso conhece você, não sei se pessoalmente ou por referências. Ele esteve aqui na época. Pretende voltar em breve e falará com você.

Não tenho um roteiro muito rígido, mas vou tentar perguntar sobre o início, meio e fim da experiência. Como surgiu o movimento de alfabetização?

C. - Surgiu dos interesses políticos de Aluísio Alves, que pretendia a Vice-Presidência da República a ser "o presidente do nordeste." Um movimento de alfabetização é uma forma efetiva de coleta de votos.

Existiam outros movimentos de alfabetização no Nordeste, como o do MEB e o de Djalma Maranhão, mas não cederiam os materiais de que tinham propriedade para outra campanha de interesse político. A cartilha tradicional já era considerada ineficaz.

Como havia a idéia de Paulo Freire que sintetizada todos os recursos metodológicos até então existentes no campo da alfabetização, incluindo o aspecto da conscientização, o governo resolveu apoiar a experiência. Por meio de Calazans, secretário de Educação, houve contacto com a UNE e esta assumiu o trabalho convocando os estudantes.

T. - Qual foi a duração de toda a experiência desde os primeiros contatos até o final?

C. - Durou de dezembro de 62 a dezembro de 64.

T. - Como foi a organização do trabalho?

C. - O movimento foi iniciado em Angicos, a partir do treinamento de uma equipe de base, coordenado por Paulo Freire. Éramos organizados em uma equipe de coordenação central, uma equipe de supervisão e os coordenadores dos círculos de cultura.

A equipe de coordenação central tinha três pessoas: um coordenador didático (eu mesmo, porque era formado e tinha didática); um coordenador para contatos políticos (Marcos Guerra) e um coordenador da parte de conscientização (o nome deixa pra lá).

Houve muito apoio à experiência e pudemos nos organizar muito bem. Iamos, inclusive, pessoalmente participar dos trabalhos nos círculos de cultura, acompanhando de perto o que acontecia.

A experiência foi sendo modificada em outros lugares em que foi aplicada, como Angicos, Mossoró, Caió e Quintas. É difícil que se repita da mesma forma.

Aliás, Paulo me disse que talvez a experiência mais fiel ao método tenha sido a de Angicos. O que foi feito em outros estados do Brasil e em outros países fugiu bastante à proposta inicial e foi recriada muita coisa.

Ao final do trabalho, acreditávamos já que se poderia alfabetizar em 20 horas e com 12 palavras, embora tivéssemos seguido a orientação regular.

T. - Havia interferência do Estado ou dos financiadores no trabalho?

C. - Absolutamente nenhuma e isto eu faço questão de dizer. O Financiador era a Aliança para o Progresso, mas o dinheiro era repassado para o Estado e fizemos questão de receber pelo Estado. Não nos faltou nada e nunca houve nenhuma pressão para tomarmos esta ou aquela direção.

T. - Considerando o nível das pessoas, quais eram realmente os resultados da conscientização?

C. - Posso relatar um fato que ilustra como realmente havia mudança nos participantes da experiência.

Em um dos círculos, um aluno faltou a primeira aula, que é fundamental para a continuidade, pois é a aula sobre cultura. Um dos participantes foi capaz de repetir com ele tudo o que havia se passado, fazendo com que este aluno chegasse aos conceitos de cultura e natureza, talvez com vantagem maior do que se fosse feito pelo coordenador.

T. - Como foi feita a avaliação da parte de conscientização, que é uma dúvida de Celso Beisiguel?

C. - Em Angicos, fizemos perguntas escritas. Depois, vimos que esta forma não se adequava ao que se queria avaliar. Nas outras experiências, fazíamos entrevistas individuais sobre os temas.

T. - Você teria o material de avaliação?

C. - Tenho todo o material de tudo o que se fez no estado.

T. - Pode-se conseguir este material?
(Ele ri e não responde.)

T. - Uma das dificuldades que tivemos no Sul foi a escrita. Aqui, conseguiram escrever em tão pouco tempo?

C. - Conseguiram, quando não eram ajudados.

Houve o caso de uma moça que era ótima coordenadora, mas não estava conseguindo resultados na escrita. Fui observar sua aula e vi que era muito afetiva, segurando a mão das pessoas para ajudá-las a escrever. Este pessoal era muito carente e retardavam o aprendizado de escrita para ganhar aquele carinho.

Usávamos a linguagem deles para auxiliá-los no processo. Em vez de usar o termo "linhas" usávamos "trilhos". Escrever "dentro dos trilhos".

Creio que o fato de não desenvolverem outras funções intelectuais fazia com que desenvolvessem a memória. Isto os ajudava a fixar as palavras.

T. - O controle por parte da coordenação se manteve nas outras experiências?

C. - Sim, pois convocávamos, selecionávamos e treinávamos o pessoal. Paulo Freire veio em algumas destas ocasiões participar dos treinamentos.

Creio que um dos problemas na difusão do método foi o controle que houve em outros locais.

T. - Que repercussões políticas teve a experiência enquanto se desenvolvia?

C. - Enorme, tanto internamente no estado como no exterior. Como tinha boas relações internacionais, recebíamos todos os dias uma média de dois jornalistas estrangeiros. Parecia que o mundo todo estava voltado para cá.

T. - Como foi desativada a experiência?

C. - Começou com a morte de Kennedy e críticas à linha da Aliança para o Progresso. Aos poucos, como não estávamos servindo diretamente a interesses políticos, começaram as acusações de subversão e as auto-defesas pelos jornais dos financiadores e políticos envolvidos. Em dezembro de 63 iniciou este processo que culminou com a queda de Goulart.

T. - Que jornais você indicaria (de situação e oposição) que fizeram cobertura política do movimento?

C. - Pela Oposição, o Correio do Povo que já fechou e pela Situação, a Tribuna do Norte.

Você encontrará os dois no Diário Popular de Natal, que tem departamento de pesquisas e dispõe de todos os jornais.

T. - O que você acha das publicações que tem saído sobre o movimento e, inclusive, do relatório que se dispõe do mesmo?

C. - No relatório está escrito somente o possível, pois foi omitida muita coisa que não se podia dizer. Este é o trabalho mais sério que conheço sobre o assunto (abre a gaveta e tira um exemplar de uma tese escrita em alemão, tendo por título "A Teoria e a Praxis do Método Paulo Freire no Brasil").

O autor me incomodou muito, mas o trabalho está muito bem feito. Ele vem agora aqui para a universidade, para trabalhar.

Paulo Freire me telefonou quando chegou e insistiu para que eu escreva o relato do que foi o movimento aqui no Rio Grande do Norte. Disse que em escolha como, quando e onde publicar. Estou pensando no assunto.

T. - Você deveria escrever logo, porque talvez você tenha todo o conjunto de informações, além de ter vivido a coisa.

C. - Estou pensando em escrever logo, mas o Reitor me botou agora neste negócio (a TVE). Sugiro que você procure no Diário Popular o diretor, Luis Maria Alves, que ele lhe facilitará as coisas.